

Muitas vezes, em razão de compromissos de atores e produtores com outros programas, os ensaios eram realizados tarde da noite, iniciando-se por volta das 23:00 h estendendo-se madrugada adentro. No sábado, dia da transmissão, realizava-se o ensaio geral, com todos os envolvidos no espetáculo presentes. Este último ensaio terminava por volta de seis, sete, oito horas ou mesmo oito e meia da noite e, então, conforme recorda a atriz Cacilda Lanuza "acendia-se uma luz vermelha e a peça ia inteirinha" para o ar. (3)

O Teledrama, assim como outros teleteatros, atravessou várias fases. Depois do período inicial, com os ensaiadores vindos do teatro, o programa ficou completamente nas mãos dos próprios produtores, quando então algumas novas técnicas de ensaio foram utilizadas. Uma destas, aplicada com sucesso em Anna Karenina, foi a dos produtores reunirem-se com o elenco, explicarem a peça, discutirem o enredo, as intenções do autor e, após toda esta preparação, deixarem o próprio ator compor o seu personagem. Esta técnica, segundo José Castellar, teria sido uma das grandes heranças deixadas pelo Teledrama à telenovela. Hoje em dia, devido à escassez de tempo, não é possível para o diretor de uma novela ensaiar e determinar todas as inflexões e marcações dos vários artistas que participam da mesma, ao longo de mais de uma centena de capítulos. Os atores recebem apenas a linha geral de sua interpretação mas, no fundo, cada um deles termina por completar ou compor seu próprio personagem, com base no texto e na orientação do diretor, o que contribui para tornar a telenovela quase um trabalho de criação coletiva. Era a partir do momento em que acendia a luzinha vermelha à porta do estúdio que se iniciava a verdadeira aventura — a transmissão ao vivo. Relembra saudosa Cacilda Lanuza: "... apesar da dificuldade com que se faziam os programas, saíam coisas maravilhosas! É inacreditável, diante das condições que a televisão tem hoje, lembrar do que se fazia naquele tempo em condições tão precárias! (...)

Eu acho que exatamente porque não se tinha condições, é que tudo era feito assim com uma raça... Criava-se um clima, uma corrente entre todas as pessoas que tomavam parte na equipe de um programa e se faziam realmente coisas maravilhosas." (4)

Por outro lado, ocorriam incidentes cômicos que seus protagonistas não se cansam de contar. No caso da TV Paulista, um problema sério era causado pelo fato de os dois estúdios, além de precários, estarem situados em andares diferentes. Assim, quando uma peça exigia mais de um cenário, os vários sets necessários eram montados parte no andar de baixo e parte no de cima. E o que acontecia? Muitas vezes, ao terminar uma cena no set construído no andar térreo (estúdio artístico), o ator saía correndo escada acima para alcançar a tempo o outro estúdio e interpretar a próxima cena, ali desenrolada. Terminada esta, muitas vezes ele tinha de voltar correndo escada abaixo, para atuar no cenário anterior. Muita falta de ar de ator foi julgada pelo público como sendo brilhante interpretação do mesmo, ou seja, a emoção e reação do personagem diante de uma situação do entrecho...

Algumas soluções criadas para resolver problemas desta ordem acabaram dando ao Teledrama e outros programas de teleteatro características próprias e, por que não se dizer, uma linguagem toda sua. Por exemplo: no caso do Teledrama, para dar-se tempo ao ator de correr de um estúdio para o outro, a câmera deslocava-se numa lenta panorâmica, revelando detalhes do cenário, detendo-se por um longo tempo num vaso, bibelô, floreado da cortina, ou ainda no rosto da atriz com a qual o ator acabara de contracenar. E ela permanecia diante da câmera com um sorriso demorado, por exemplo, que, por demorar tanto chegava a se tornar imbecil. Isso resultava num ritmo lento, às vezes sufocante, o qual, conforme a peça, até contribuía para a criação de uma atmosfera condizente.

A troca de roupas era o motivo de muitos desses problemas. Muitas vezes, numa peça, a cena seguinte se passava dias, meses ou anos depois. Sem uma cena intermediária, não havia tempo para que o intérprete pudesse trocar de roupa. E se ele tivesse envelhecido de uma cena para outra? Conta a atriz Cacilda Lanuza: (Foto 36)

"O sistema usado era o seguinte: a gente começava assim, imensa de roupa. Todo mundo começava muito gordo, porque a gente colocava a roupa uma em cima da outra. (...) Então a gente vestia, por exemplo, uma saia e blusa, um pulôver, em cima do pulôver uma capa de chuva, em cima da capa de chuva um capote... Então começava a cena sempre no inverno. Todo mundo muito agasalhado. A gente tirava capote, depois tirava a capa de chuva, depois tirava o *tailleur*... já estava com a blusinha em baixo. Depois colocava uma echarpe, um lenço, e assim ia fazendo as cenas. Mudando de traje conforme a passagem do tempo. Mas sem tempo para ir realmente no camarim. Maquiagem era a mesma coisa. Se havia uma passagem do tempo muito longa, que os atores envelheciam, o maquiador já estava ali às pressas, com todo o material. Enquanto estava terminando a cena num cenário, o maquiador já estava pondo talco, *nugget*, não sei o quê na cabeça do outro, para envelhecê-lo rapidamente. (...) Toda vez que eu gravo, hoje em dia, na televisão eu fico pensando que as pessoas levam tempo demais. Se soubessem o que se fazia naquela época, sem as condições do *video tape*... Hoje, por qualquer coisinha que acontece no estúdio, uma tomada fora do *plug* certo, perde-se quarenta, cinquenta minutos. (...) Mas no tempo em que a televisão era ao vivo, também se colocava um *plug* no lugar errado, e também uma câmera pifava; mas não podia parar e por causa disso, continuava. Como, não sei, mas continuava. Descobria-se a solução na hora, em segundos, e a coisa continuava." (5)



(Foto 36) Edson França e Yara Lins em A Mascarada Traiçoeira. Nesta peça a atriz acima teve várias caracterizações (1957). Teledrama Três Leões — TV Paulista — São Paulo
Foto/Arquivo de Yara Lins

- (3) Depoimento de Cacilda Lanuza ao IDART, São Paulo, 30 de maio de 1977.
- (4) Depoimento de Cacilda Lanuza ao IDART, São Paulo, 30 de maio de 1977.
- (5) Depoimento de Cacilda Lanuza ao IDART, São Paulo, 30 de maio de 1977.